

13º

# Iconografia

## Objetos litúrgicos e devocionais.

Arq. José Enesio Pinheiro. CAU202315-6

A iconografia entra na dimensão simbólica da arquitetura sacra. A igreja e tudo que a compõe é simbólico. O trabalho envolve, piso, paredes, volumetria e os símbolos usados, como os suportes para o círio, cadeira, altar, ambão, castiçais, cruzes, lugar das imagens e escolha das mesmas, lugar de pinturas, etc. É uma tarefa multidisciplinar e que tem gerado muito sofrimento e tensão na região central de Minas, entre a cultura religiosa devocional e decisões pouco sensíveis de líderes e arquitetos. Estudamos o caso da cidade de Ferros na primeira parte deste trabalho. (cf. TCC I)



O lugar das imagens e lugares devocionais são exemplos de lugares que causaram as maiores polêmicas e sofrimentos para as comunidades no período pós Concílio Vaticano II, a escolha da igreja de N. S. Aparecida e das igrejas da Paróquia S. Francisco Xavier, de Belo Horizonte, como modelo deste trabalho, se deve também à capacidade de inculturação e diálogo com a fé e cultura das pessoas.



As pessoas tocam e se benzem com a água da fonte batismal.



As pessoas tocam a imagem da padroeira da igreja



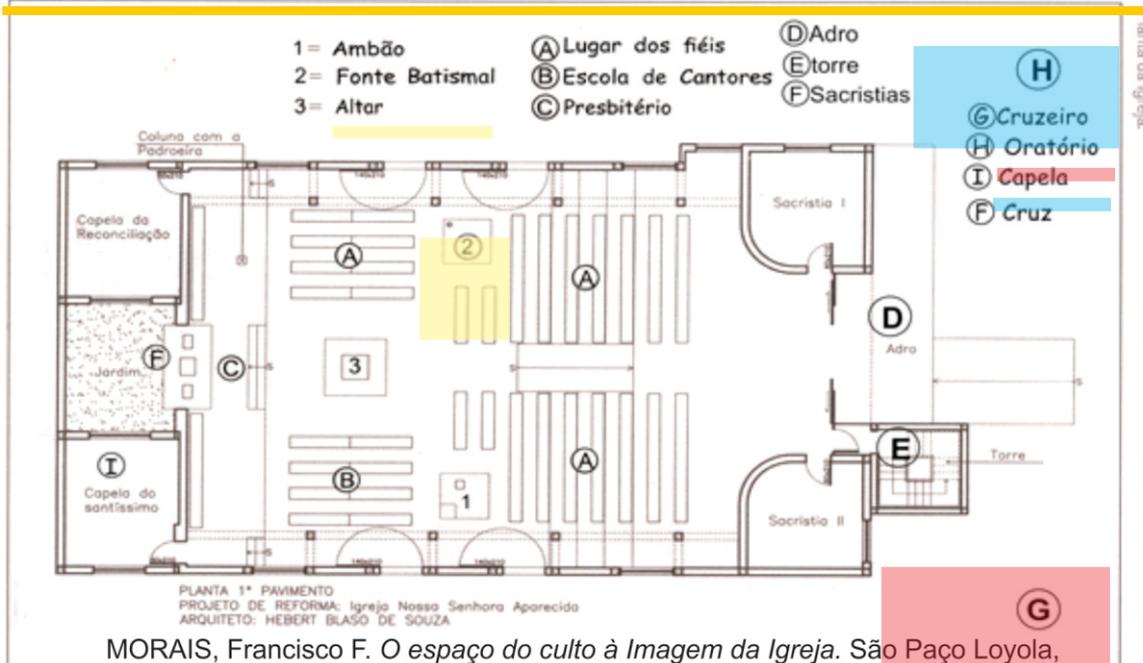
O cruzeiro da igreja N. S. Aparecida recebe pano com a cor litúrgica



O as pessoas rezando no oratório



Os bancos proporcionam oração em grupo



MORAIS, Francisco F. O espaço do culto à Imagem da Igreja. São Paço Loyola, 2009. Após a página 187.

## – A mistagogia do lugar das imagens e programa iconográfico

Orientações da IGMR:

318. *Na liturgia terrena, antegozando, a Igreja participa da liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, para a qual, peregrina, se encaminha, onde Cristo está sentado à direita de Deus, e venerando a memória dos Santos, espera fazer parte da sociedade deles.*

*Por isso, segundo antiquíssima tradição da Igreja, as imagens do Senhor, da Bem-aventurada Virgem Maria e dos Santos sejam legitimamente apresentadas à veneração dos fiéis nos edifícios sagrados e sejam aí dispostas de modo que conduzam os fiéis aos mistérios da fé que ali se celebram. Por isso, cuide-se que o seu número não aumente desordenadamente, e sua disposição se faça na devida ordem, a fim de não desviarem da própria celebração a atenção dos fiéis. Normalmente, não haja mais de uma imagem do mesmo santo. De modo geral, procure-se na ornamentação e disposição da igreja, quanto às imagens, favorecer a piedade de toda a comunidade e a beleza e a dignidade das imagens. (IGMR).*

**Lugar das imagens** - Quanto ao local das imagens, Cronin ressalta a necessidade de dialogar com a comunidade, destacando que este aspecto do templo sofreu inúmeros exageros após o Concílio e é preciso buscar equilíbrio. Porém, as imagens fazem parte do templo e da ação litúrgica. A orientação é que não haja mais de uma do mesmo Santo, nem haja número exagerado, estejam em ordem, e colabore com a piedade da comunidade (IGMR 278). Contudo, "*Quando se constrói uma igreja, não se pode esquecer que ela toda é um ícone uma imagem viva. [...] de fato orienta, educa, conduz e introduz as pessoas no mistério [...]*" (Estudo CNBB 106 n.62). Este estudo ressalta que "*o programa iconográfico deve ser de um trabalho multidisciplinar que envolva arquitetos, liturgistas, artistas e a comunidade* (Estudo CNBB 106 n.64). No entanto, as orientações, deixam explícito que a única imagem exigida é a cruz de Cristo (IGMR 308), e que havendo imagens é necessário prever espaço que possibilite aproximar delas e que podem estar no corpo da igreja ou próximas ao presbitério. Os textos ressaltam ainda que o centro do presbitério e as paredes de trás do altar precisam ser ocupadas com Cristo e com imagens que podem ser pinturas, mosaicos, etc. Por fim, a imagem de Maria e do padroeiro vem em segundo plano e na perspectiva do Cristo.

Segundo o estudo 106 da CNBB do número 62 ao 73

62 - *Quando se constrói uma igreja, não se pode esquecer que ela toda é um ícone, uma imagem viva. Moldada pela liturgia, é por ela mesma, mistagógica; de fato orienta, educa, conduz e introduz as pessoas no mistério da Páscoa de Cristo que celebramos.*

63 - *O programa iconográfico prepara, descreve e prolonga, por meio de formas e cores, o mistério celebrado. Paredes, pinturas, pisos, imagens, mobiliário, iluminação... Tudo é extensão do que ali se celebra.*

64 - O programa iconográfico deve ser considerado desde o início do projeto arquitetônico, de acordo com as exigências litúrgicas e a cultura local. **Deve ser resultado de um trabalho multidisciplinar que envolva arquitetos, liturgistas, artistas e a comunidade.**

65 - As principais imagens a destacar são sinais sacramentais: a cadeira da presidência, o altar, o ambão, a fonte batismal, a disposição do lugar da assembleia e o próprio edifício-igreja.

66 - O programa iconográfico é cristocêntrico: tudo converge para o Cristo. A cruz colocada em relação com o altar nos recorda a paixão do Senhor. Se houver na parede atrás do altar uma imagem, que seja a do mistério celebrado: Jesus Cristo morto e ressuscitado. Dessa cena central, decorrerão as demais imagens: de Maria, do padroeiro, de outros santos, cenas do antigo e do novo Testamento, organizadas segundo um programa que manifeste a história da salvação em relação àquela comunidade.

**O Cerimonial dos Bispos ressalta:** "É de louvar que a cruz processional, fique erguida junto ao altar de modo a ser a própria cruz do altar, caso contrário será retirada".

67 - Quando nos referimos às imagens, isto não quer dizer que devam ser somente esculturas, pode-se usar outras técnicas artísticas: pintura, mosaico, vitral, relevo etc.

68 - A Igreja nunca dispensou as imagens, e elas são importantes para a nossa relação com o Senhor, sobretudo na oração. Na Celebração Eucarística, a única imagem exigida é a cruz de Cristo.<sup>51</sup> A ausência de outras imagens pode ter a função de sublinhar os verdadeiros sinais sacramentais: Cristo está presente em sua Igreja e, especialmente, nas ações litúrgicas; está presente no sacrifício da Missa, tanto na assembleia reunida em seu nome e na pessoa do ministro, como também nas espécies eucarísticas; está presente na sua palavra proclamada e rezada, Ele que prometeu "onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou ali, no meio deles" (Mt 18,20) (SC n. 7).

69 - Havendo imagens, é necessário prever um espaço onde as pessoas possam se aproximar, sem atrapalhar a circulação.

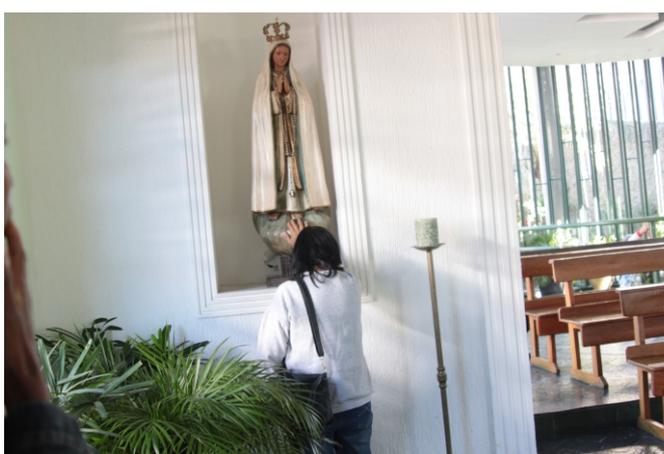
70 - Decoração ou ornamentação não fazem parte do programa iconográfico. Uma igreja que teve um bom projeto de arquitetura e de iconografia não precisa de elementos extras de valorização. Porém, em ocasiões especiais e festivas, os espaços e peças são valorizados com uma boa ornamentação.

71 - Essa ornamentação deve ser pensada com esmero e em unidade com o conjunto. A flor verdadeira, não a de plástico, confere o toque da alegria e da festa. Assim, o vaso de flores ou arranjo floral da Páscoa, da vitória sobre a morte, será diferente do broto ou do ramo do advento ou

*da ausência e austeridade da Quaresma. Tudo o que não colabora para evidenciar o mistério celebrado em cada tempo litúrgico deve ser considerado supérfluo e incapaz de introduzir as pessoas na celebração. Isso vale para qualquer circunstância ou festa litúrgica.*

*72 - A beleza combina com a sobriedade, a sinceridade, e a simplicidade. Qualquer excesso — de flores, rendas, guirlandas, panos, pedestais ou enfeites de qualquer gênero — possui força de distração e dissipação da mente e do coração.*

*73 - Se decoração é algo que vem do âmago, de dentro do coração, como a própria etimologia da palavra sugere, então, a inspiração para qualquer intervenção "decorativa" deverá nascer dos textos litúrgicos propostos para aquela festa ou circunstância. Buscar nas fontes genuínas da liturgia o que será proposto será pertinente, compreensível, capaz de contribuir para a concentração e participação na celebração e ajudar a criar a unidade necessária para que não haja dispersão.*



As imagens são do nosso arquivo. As imagens são da igreja N. S. de Fátima, em Belo Horizonte.

Observamos que pelo texto das orientações... fica claro, que iconografia é muito mais que imagens. O fato de insistir em inserir fotos das pessoas rezando ao lado de imagens é devido à cultura da região central de Minas, pesquisada no TCC I, e às tensões geradas pela falta de sensibilidade a essa fé devocional. Não é fácil lidar com as conclusões do concílio e com essa realidade cultural, mas que também é uma realidade de fé cristã católica.